



Moreira dista seis quilómetros da sede do concelho. Confronta com Pinheiros e Cambeses, a norte, Parada, a nascente, Trute e Barroças e Taias, a sul, e Pias, a poente. São seus lugares principais: Bouça, Fundevila, Prados, Parentela, Pisco, Igreja, Pinheiral, Valterra, Cortinhas, Valinha, Almoriz, Outeirinho, Granja, Vila Nova, Catelinha, Paço, Tomada, Outeiro, Trás-do-Rio, Venda e Cidade.

Moreira existia já como freguesia nos primeiros tempos da nacionalidade, registando marcas concretas dos anos de 1128, 1289 e 1308 - o primeiro, recordando o indómito D. Afonso Henriques, e os outros dois a realçarem a ligação ao culto, ousado e inovador D. Dinis.

De facto, a antiga freguesia, dividida em duas partes, pertenceu, por metade, ao padroado real, devendo ter pertencido a outra parte a D. Fernandes de Sotto Maior, bispo de Tui, por negócio de troca de terras com o rei D. Dinis, em 1308.

Foi posteriormente curato de apresentação do colégio da Companhia de Jesus de Coimbra, até 1759, e, após a expulsão desta, ao tempo do Marquês de Pombal, reverteu para a Universidade coimbrã, até 1834. Passou, mais tarde, a reitoria e, depois, a abadia.

A famosa Festa do Linho é um acontecimento que projecta o nome de Moreira para fora dos limites da sua geografia. "Apostando seriamente na preservação dos valores culturais e artísticos da nossa terra e visando contribuir para o renascimento de uma das mais belas tradições populares, em vias de desaparecimento, dadas as motivações e as realidades do mundo actual", a Casa do Povo do Vale da Gadanha (fundada em 2 de Março de 1973) iniciou em 22 de Setembro de 1983 a organização do concorrido evento.

Na festa - que, desde então, se vem realizando, com êxito, anualmente - participam todas as freguesias do vale, animando a noite com as suas danças e os seus cantares. Cada uma delas faz questão em demonstrar uma das fases do ciclo do linho, até à obtenção das maravilhosas peças - colchas e toalhas - que são expostas na Casa do Povo, para deleite de participantes e visitantes.



No campo das descobertas antropológicas e etnológicas, referência especial ao chamado Esconderijo de Moreira, referenciado no estudo feito por F. Russel Cortez, em 1951, que diz: "Na freguesia de Moreira, confinante da Brejoeira, ao levantar-se um muro de vedação, na bouça da Catelinha, foram encontrados vários objectos de interesse arqueológico, isto é, 18 machados, de bronze, de talão e duplo anel, juntamente com fragmentos doutros dois.

É um testemunho que comprova o uso destes utensílios e o conservadorismo das nossas populações castrejas, que, através das influências mediterrânicas, do norte e do centro da Europa, conseguiram vincar uma personalidade ainda pouco conhecida e estudada.

A igreja paroquial é de construção relativamente recente. No seu interior sobressai o altar-mor, muito trabalhado, todo em dourado. Ladeando o arco cruzeiro, onde se vê um escudo de armas reais portuguesas, existem dois altares que se evidenciam por serem mais esculpido. Guarda ainda os altares de Nossa Senhora da Natividade, das Almas e do Senhor dos Passos. Os azulejos que cobrem parte das paredes internas do templo conjugam o branco, o amarelo e o azul.



No lugar da Valinha, situa-se a Capela de S. Bento, com interior e exterior recentemente restaurados. Foi pertença de Manuel Ribeiro Moscoso. A caminho do lugar da Bouça, encontra-se um cruzeiro, em granito, ostentando a imagem do Senhor dos Aflitos.

Está coberto por um alpendre. Junto à Igreja, um outro cruzeiro, anterior ao ano de 1640, também em granito e corado pela imagem de Cristo crucificado. A Casa da Quinta da Torre pertenceu à família dos condes de S. Martinho. A pedra de armas é um escudo oval esquartelado, do século XVII, no qual se lêem os nomes Castro, Pereira, Soares e Magalhães.